

APRESENTAÇÃO: POÉTICA, A TERCEIRA MARGEM

Manuel Antônio de Castro

André Lira

Fábio Santana Pessanha

Jun Shimada

“Questionar e pôr em questão é a única tarefa do pensamento”. Eis o grande desafio posto e proposto pelo pensamento de Martin Heidegger. Nele, a certeza em que se funda a modernidade, originada de uma dúvida formal, se vê atingida em sua raiz. Com ela, também é atingida a variação relativista da certeza: a pós-modernidade. Só se desce à raiz questionando. A raiz é sempre a terceira margem, enquanto a história são as margens do tempo. Seu vigor é a terceira margem enquanto o acontecer do questionar.

“As questões!” – a frase, muito dita e ouvida pelos pesquisadores da área de Poética da UFRJ, já é quase um bordão. Apesar disso, não se desgasta: traz consigo muito a ser pensado e tem muito a dizer sobre o trabalho desenvolvido por professores e alunos da área de Poética e do NIEP, do qual uma pequena parcela é mostrada aqui.

Ela não se refere às perguntas. Nem às cotidianas nem às do âmbito do conhecimento acadêmico. Contudo, isso pode aparecer nas perguntas quando elas manifestam o grande espanto do homem frente à realidade – seja ele pesquisador ou não. O espanto não requer formação ou erudição, pois não depende sequer de objetividade científica. Quando falamos em espanto, nos referimos à atitude dos que em seus percursos vitais não se resignam ao conforto do já conhecido, pois sabem que o desconhecido é sempre maior. Não se resignam à facilidade do conhecimento objetivo, pois sabem que os objetos são na verdade coisas a nos interpelar com suas mudanças, vistas em geral a partir de uma falsa dicotomia entre subjetividade e objetividade.

Por isso, é difícil discernir se a procura das questões é um requisito acadêmico ou um caminho histórico-pessoal daqueles que aqui

propõem compartilhar suas experiências; sabem todos que não basta conhecer o que se é, mas é preciso ser o que se conhece. Frente à perenemente complexa realidade que não se deixa reduzir aos sistemas e conceitos, encaram e aceitam a dificuldade da etimologia da experiência: colocar-se para fora de seus limites, descobrindo e colocando-se à disposição de descobrir aquilo que a realidade, até segundos atrás, tinha mantido encoberto.

É isso que se tem buscado nesse Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Poética (NIEP); é daí que vem a interdisciplinaridade. Não se prescinde aqui das disciplinas e da disciplina indispensável à atividade de pesquisa que os autores do presente número da *Terceira Margem* e os demais membros do NIEP realizam, é claro. Isso se percebe em duas dimensões, que constituem o eixo em que está articulado o presente número. Esse eixo é o que dá título ao número, *Poética: a terceira margem* – ou, o que dá no mesmo, *A terceira margem: Poética*. Só essa permite estar aquém e além das falsas dicotomias, sejam elas ideológicas ou não.

Verticalmente, na densidade dos textos aqui trabalhados, é o que intitulamos “Na margem: Poética”. Assim como o tempo, ela nos precede e acompanha historicamente. É o descer à raiz das raízes, do rizomático. Horizontalmente, na diversidade rizo-temática, que passa por literatura – na Faculdade de Letras, ainda é ela o assunto privilegiado –, artes plásticas, música, educação, filosofia e mitologia. É o que na revista denominamos “Nas margens da Poética”. É a interdisciplinaridade concreta.

No entanto, a preocupação que permeia as discussões temáticas é ainda o “entre”, o “inter” que subjaz às disciplinas e aos temas. O “entre”, que, quer nos demos conta dele ou não, está em todo conhecimento, toda disciplina, e é fonte de toda *práxis* histórica. Todas as disciplinas são históricas, apesar da mitificação do científico.

Desse modo, não apenas se elencam argumentos relacionados, mas se estabelece um diálogo tão concreto que o saber não pode deixar de ser sabor. E não um sabor de um gosto estético, do gozo de um belo abstraído nas formas e nas técnicas. O sabor que se busca é o inexorável sabor de ser o que se é, a experiência artística no limite do entre ser e

não ser, do autoconhecimento, de se descobrir ser humano que vive também no “entre-ser”.

De forma genuína, os ensaios presentes nesta edição captam nuances de pensares, momentos únicos de palavras que trazem no desenho dos verbos a musicalidade de olhares diversos. São enfoques singulares, sim, ainda que não subjetivos. Sabemos que lidar com a diversidade temática que a arte concede significa não fincar uma estaca e estabelecer um limite. Não há teorias que esgotem a literatura, não há retas que enquadrem o improvisado de uma escultura, pintura etc. O condicionamento, talvez desejado por quem ainda não tenha percebido a vitalidade do que está sempre por acontecer, não passa de figuração lúdica – e das piores, diga-se de passagem –, dessas que consideram o lúdico como mera imaginação, um faz de conta que não diz, que não manifesta realidade, mas apenas funciona como ferramenta ludibriadora de um possível tempo presente.

A Área de Poética tenta não fechar os olhos para a variedade de disciplinas, reunindo em seu núcleo o coletivo de possibilidades – e é isto desde os gregos o político –, a riqueza das diferenças no trato com temas em comum entre habilitações ou áreas diversas. É com essa multiplicidade que nos é possibilitado ter a reunião de questões, às vezes as mesmas, mas tratadas com a particularidade de caminhos muito próprios.

Isso nos mostra que não há delimitações, mas possibilidades, pois, embora seja comum no círculo acadêmico tratarmos de especificidades por assuntos, disciplinas ou áreas, essa repartição é na verdade meramente burocrático-conceitual e não condiz com o modo como a realidade se manifesta em seu vigorar-acontecendo. Ela não bisbilhota o vizinho ou a janela ao lado, não é (big) “brother” para saber como deve se portar, apenas acontece. E sua maneira de acontecimento não considera nem mesmo nossas vontades; então perguntamos: o que fazer?

Talvez a resposta que melhor se enquadraria nessa situação seria: não sabemos! E é exatamente esse o teor do que temos nesta edição: professores, pesquisadores, poetas, músicos, enfim, uma infinidade de olhares permeados pelo não saber. E só a partir do que não se sabe é possível trilhar um caminho como o que vemos aqui nesta *Terceira Margem: Poética*, porque escrever o que já se sabe é relativamente fácil.

Com a devida técnica e argúcia, basta dizer o que se espera que seja dito e afirmar determinações já aferradas, in-questionadas. Porém, por que continuar um caminho já trilhado quando podemos rever ou repensar determinadas questões às vezes já sacralizadas por um dado percurso acadêmico?

A proposta vigente neste número sempre é favorável ao diálogo em vez de substituições teóricas, ou seja, a dança de sentidos e caminhos presentes aqui não só incita a curiosidade de se saber mais e mais a respeito das discussões como, e principalmente, se estende para além de simples curiosidade erudita, pois as questões nos atravessam, queiramos ou não. Com elas criamos, questionando-nos. Assim criaram os autores aqui presentes: estiveram em silêncio, escutando e dialogando com a rítmica ressonância existente entre homem e mundo, entre homem e homem, entre coisa e coisa, todos lançados no abismo do tempo: o acontecer poético.